

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA – COGAE/SP
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE GEOGRAFIA

**O Rap como material didático de apoio para o ensino de
Geografia**

Everton Rodrigues de Mello

São Paulo / 2010

EVERTON RODRIGUES DE MELLO

O Rap como material didático de apoio para o ensino de Geografia

Monografia apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ensino de Geografia, da Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP), como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Geografia, sob orientação da Prof^a Dra. Marta Scarpato.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA – COGEAE

São Paulo / 2010

Sumário:

| | |
|---|-----------|
| Introdução ----- | 1 |
| CAPÍTULO 1 – Rap ----- | 3 |
| 1.1 – Breve Histórico ----- | 3 |
| 1.2 – A influência do Rap ----- | 4 |
| 1.3 – Repercussão do Rap no extremo da Zona Leste de São Paulo----- | 6 |
| 1.4 - Rap: Identidade Cultural de Alguns Lugares da Zona Leste de São Paulo----- | 8 |
| CAPÍTULO 2 – Materiais didáticos no processo de ensino – aprendizagem----- | 12 |
| 2.1 – O Rap como material didático no processo de ensino - aprendizagem----- | 14 |
| 2.2 – O Rap como material didático de apoio para o ensino de Geografia ----- | 18 |
| CAPÍTULO 3 – Pesquisas de Campo ----- | 26 |
| 3.1 – Pesquisa de campo na escola “A”----- | 27 |
| 3.2 – Pesquisa de campo na escola “B”----- | 30 |
| CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS ----- | 39 |
| BIBLIOGRAFIA----- | 42 |
| ANEXO I ----- | 44 |
| ANEXO II ----- | 45 |

Resumo:

O primeiro passo dessa pesquisa foi buscar uma maior e melhor compreensão da geograficidade do rap, partindo de uma análise histórica sobre os locais de sua ancestralidade e como se deu o processo de disseminação, do mesmo, pelo mundo, até chegar às periferias da cidade de São Paulo, em específico à da zona leste. Além das similaridades e particularidades com que ele se desenvolveu em cada lugar.

Para isso, busquei uma fundamentação teórica com base em dois conceitos geográficos: *lugar* e *território*. Em que, por meio do primeiro, procurei mostrar a presença do rap não só como uma identidade cultural de alguns lugares da zona leste de São Paulo, mas como um meio de exposição da mesma, no que tange à sua característica de descrição do cotidiano dos lugares, que, por sua vez, acaba atingindo não só as pessoas que se identificam com o estilo musical do rap, mas também àquelas que reconhecem a realidade narrada pelas suas letras. O que me possibilitou dar um enfoque maior para a complexidade de suas poesias, deixando, em segundo plano, o seu ritmo. Já em relação ao conceito de território, busquei estudar a territorialidade do rap nesses lugares, junto à cultura hip hop, influenciando nos modos de vestir, pensar e agir das pessoas.

O segundo passo foi o de estudar as possibilidades de utilização do rap como um material didático no ensino de geografia, através da análise e construção de letras de rap com base nos conteúdos das aulas de geografia a serem trabalhados.

Já o terceiro e último passo dessa pesquisa foi colocar em prática essa teoria, por meio de pesquisas de campo, onde trabalhei com alunos do fundamental II e do Ensino Médio em duas escolas públicas do bairro de Itaquera e onde pude conciliar a teoria com a prática, ao pedir para que os mesmos refletissem sobre a letra de alguns trechos de raps, selecionados, relacionando-os com os conceitos e conteúdos da Geografia, trabalhados em sala, por meio de redações dissertativas e de questões, cujos resultados me fizeram aprender muito com eles.

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa faz uma abordagem sobre as possibilidades de consolidação do rap (ritmo e poesia), como um material didático, no ensino de geografia, em escolas públicas localizadas nas periferias de baixa renda da cidade de São Paulo, onde o mesmo vigora como uma identidade cultural e exerce uma grande territorialidade, seja por meio do estilo musical ou pelos conteúdos de suas letras, que descrevem e narram o cotidiano desses lugares.

Entre os anos de 2004 a 2009 realizei um trabalho, primeiro como estagiário e depois como professor efetivo, em duas escolas públicas situadas no bairro de Itaquera na zona leste de São Paulo, onde utilizei o rap como material didático de apoio, em várias circunstâncias e em diferentes momentos das minhas aulas de geografia com os alunos do ensino fundamental II e do ensino médio. O que foi uma experiência inovadora e gratificante, que gerou contribuições para o ensino de geografia.

Essa pesquisa está organizada e dividida em quatro capítulos centrais. O capítulo 1, faz uma abordagem histórica sobre a origem do conceito de “rap”, mostrando quando, onde e como ele surgiu; como ele se espalhou pelo mundo, por meio da globalização, como se estabeleceu, de diferentes formas, em diversos lugares. Além de fazer um estudo sobre sua geograficidade e sua dinâmica espacial, fundamentada nos conceitos de lugar (identidade cultural) e de territorialidade (influência), nas periferias da cidade de São Paulo. Dando ênfase a alguns lugares da zona leste de São Paulo.

O capítulo 2, aborda o processo de ensino–aprendizagem, fazendo uma reflexão sobre as possibilidades de consolidação do rap como um material didático de apoio para o ensino de Geografia, em conjunto com outros materiais didáticos, por meio da construção dos mesmos, com base no uso de algumas letras de rap, organizados e divididos em: *conteúdo; objetivos; material didático; e avaliação.*

O capítulo 3, mostra os relatos das observações empíricas e os resultados de algumas experiências e práticas realizadas, por meio de pesquisas de campo, em duas escolas localizadas em Itaquera na zona leste de São Paulo com realidades sócio econômicas semelhantes. Onde foram

utilizadas algumas letras de rap, como materiais de apoio, em diversas situações, das aulas de Geografia, com resultados positivos nas avaliações (redações dissertativas sobre a geografia dessas letras).

No capítulo 4 apresento as considerações finais, salientando o quanto o ensino de geografia pode ser inovador e enriquecedor no processo de ensino aprendizagem dos alunos com o rap.

Capítulo 1 : Rap

1.1 - Breve histórico

Segundo Rocha (2005, p. 8), apesar de figurar como uma recente manifestação na cultura contemporânea, o hábito de ritmar a poesia (Rap) já existia na África antes do descobrimento da América. Um dos registros dessa tradição são os “griots” (músicos, poetas e contadores de história) que existiam em países como Gana e Nigéria, onde são considerados historiadores por manterem viva a memória desses locais, onde a escrita é pouco usada.

A chegada dos negros na América, no século XVI, permitirá que outras formas culturais africanas contribuam para formação do Rap atual, como: as canções de trabalho (registro do cotidiano negro nos séculos XVIII e XIX); as canções religiosas das plantações do sul dos Estados Unidos; as canções de prisão; e os chamados “toast” (cumpridas histórias do folclore em verso).

(ROCHA, 2005: p. 9).

Já, no início do século XX, era possível encontrar nas prisões e nos guetos urbanos da América os “donzens” - duelos de rimas ofensivas entre dois homens - que exigiam muita agilidade e criatividade com palavras, as quais sempre foram atributos muito valorizados na cultura negra americana.

O hip hop, cuja expressão musical é o Rap, começou no Bronx (distrito de Nova York com fama de violento, pobre e abandonado) nos anos 70, quando kool Herc, um imigrante jamaicano, começou a misturar o dub jamaicano com funk, soul, jazz e os mais variados estilos musicais, transformando a sua dança, arte, roupa e gíria em um estilo de vida. Esse foi aprimorado por outros personagens como: Afrika Bambaata (ex-líder de uma temida gangue do Bronx, mas muito bem informado politicamente), que inspirado nos zulus, povo guerreiro do sul da África e na pregação de Malcom X percebeu que a auto-estima gerada e a proximidade com as ruas faziam do hip-hop o representante da sua e de outras comunidades carentes.

Porém, apesar do rap ter surgido confinado a um público essencialmente negro, ele alcançará as paradas do sucesso através de um grupo de artistas brancos de classe média.

No Brasil, o movimento surgiu nos anos 70, quando era comum nas periferias das grandes cidades brasileiras nos chamados bailes black, onde se ouviam músicas soul e funk.

No início dos anos 80, começaram a surgir os rappers brasileiros pioneiros, como Thaíde e Dj Hum, MC Jack e os Racionais MC's, que se reuniam, junto com dançarinos de break, na a galeria 24 de Maio e na estação São Bento do metrô, no centro de capital de São Paulo.

1.2 - A Influência do Rap

É comum haver uma grande confusão sobre os conceitos hip-hop e rap, pois muitos os definem como sendo as mesmas coisas, enquanto que outros como estilos antagônicos. No entanto, ambas as afirmações estão incorretas, pois o hip hop é constituído por quatro elementos: o MC (Mestre de Cerimônia); o Dj (responsável pelo ritmo da música); o Break (dança); e o Grafite (arte plástica - pintura de paredes). Entre os quais, apenas, os dois primeiros é que irão constituir o rap, ritmo e poesia, ou seja, o rap nada mais é do que o estilo musical do hip hop (balançar os quadris), que para ser produzido exige, primordialmente, uma grande quantidade e qualidade de informação, que será transformada numa poesia que sobrepor-se-á ao ritmo de algumas batidas monótonas, que marcam o seu compasso e exigem dela uma métrica compatível com o mesmo, que, diferente da linguagem culta, é marcada na contagem dos dedos, de quatro em quatro, num ritmo quase que falado. O que exige do poeta um repertório e uma atenção muito boa na composição de suas letras.

breakers ou grafiteiros que sempre tiveram como objetivo resgatar a Essa cultura inclui atividades organizadas por grupos de rap, breakers ou grafiteiros que sempre tiveram como objetivo resgatar auto estima, principalmente do jovem negro, bem como

tentar construir identidades coletivas, mediante o discurso e a postura dos integrantes do movimento hip hop. Nas letras dos raps a construção de uma identidade positiva e a reflexão sobre os problemas do cotidiano dão a tônica das músicas (...). Creio que o rap possibilita, para quem reside na periferia de São Paulo, tornar o simples momento de escutar o rap em um disco ou show um gesto de discordância social.
(TELLA, 1999: p. 59)

Assim como no Bronx, distrito de Nova Iorque com sérios problemas sociais, no Brasil o rap também revolucionou o modo de vida nas periferias de baixa renda, onde as pessoas passaram a ter acesso às informações, que discutem problemas, com os quais estão acostumados a conviver.

Rocha (2005: p. 9) salienta que:

O hip hop faz bem mais do que vender milhões de discos, roupas e bonés. Ele influencia as mentes em questões como política, atitude, ideologia e moda nos cinco continentes. O hip hop tem esse poder: mudar vidas.

O fato de o rap ser utilizado para trabalhar as questões que giram em torno dos problemas sociais presentes na periferia, ele tem despertado um sentimento de identidade nas comunidades locais, principalmente em relação às crianças e aos adolescentes, que se divertem com um estilo que permite ser improvisado, por meio de batidas feitas com a própria boca.

Atualmente o rap está em todas as partes do mundo, tendo influenciado e, ao mesmo tempo, sofrido influência das culturas locais, como do cordel presente, principalmente, no nordeste brasileiro, por exemplo.
(ROCHA, 2005: p. 10).

No Brasil, diferente dos Estados Unidos, os grupos de rap continuam tomando para si as responsabilidades sociais, omitidas pelo governo, ao

promoverem shows beneficentes e realizar projetos que levam educação e cultura aos bairros mais carentes e marginalizados.

O gueto americano pode ser dureza, mas os oceanos de barracos e casebres em volta das cidades brasileiras, de bairros sem nenhuma presença do Estado ou da lei, são incomparavelmente mais brutais e desesperadores. O hip hop consegue articular a experiência de viver nesses lugares enquanto representa uma luz no fim do túnel.

(ROCHA, 1987; p.9).

Não foi por um acaso que, em 2004, no dia da posse do presidente eleito Luís Inácio Lula, um grupo de pessoas ligadas ao movimento, como: Edi Rock e Kl Jay, dos Racionais Mcs; MV Bill; Negra Gizza; Gog; Rappin Hood, etc., foram convidados pelo partido do PT, para participarem da solenidade.

1.3 - Repercussão do Rap no extremo da Zona Leste de São Paulo

(...) Me dê quatro bons motivos pra não ter...
Olhe o meu povo nas favelas e vai perceber!...
Daqui eu vejo uma “caranga” do ano,
Toda equipada, com um tiozinho guiando;
Com seus filhos ao lado, estão indo ao parque,
Eufóricos com os brinquedos eletrônicos.
Automaticamente eu imagino... a molecada, lá da área,
como é que tá, Provavelmente, correndo pra lá e pra cá,
Jogando bola, descalços, nas ruas de terra.
(...) Falando palavrão é o jeito deles,
Eles não têm vídeo game, as vezes nem televisão...
(Racionais MC's, “Fim de Semana no Parque”, 1993)

Em 1994, quando esta e outras músicas foram lançadas, com apenas dez anos de idade me lembro da grande repercussão da mesma, não só nas ruas, mas também dentro das escolas. Porém, não se tinha uma noção clara sobre a mensagem que ela tentava nos passar, além de não entender o que era e onde se localizava a zona sul de São Paulo. Mas compreendia

perfeitamente os trechos que falavam sobre as milhares de casas amontoadas e sobre os garotos desprovidos de lazer, que jogam bola descalços nas ruas de terra. Mesmo não entendendo os processos produtores das paisagens periféricas, localizadas nos extremos da cidade de São Paulo.

Moura (1996: p.11) salienta que:

Apesar da noção de periferia referir-se a um lugar longe, afastado de algum ponto central, esse entendimento meramente geométrico não apresenta a verdadeira relação entre o centro e a periferia das cidades. Pois os afastamentos não são quantificáveis apenas pelas distâncias físicas que há entre os dois, mas sim relevados pelas condições sociais de vida que evidenciam nítida desigualdade entre os moradores dessas regiões da cidade.

Outro fator que pode ser ressaltado é o da troca de gírias, que ocorrem através das músicas. As quais surgiram na zona sul como: “Zé polvilho”, “Jão”; “talarico”, etc. e que hoje também fazem parte da linguagem coloquial de muitos lugares da zona leste de São Paulo, cujos grupos de rap mais conhecidos são: DMN, SNJ, Fação Central; Xis, etc., Mas a grande maioria dos grupos de rap são anônimos, que há muito tempo vêm lutando, não apenas pela divulgação dos seus trabalhos, mas, principalmente, pela melhoria dos serviços públicos básicos, como: saúde, educação, lazer, e etc.. Buscando preencher as brechas deixadas pelo Estado maior, através da criação de projetos sociais e de espaços de debates, onde o principal objetivo é o de refletir sobre as letras de rap, visando encontrar meios de solucionar os problemas apontados por ela ou, pelo menos, minimizá-los. Ou seja, o rap, nas periferias distantes da cidade de São Paulo, tem ganhado contornos cada vez maiores, não ficando apenas na denúncia e na crítica social (cultura hip hop), mas buscando encontrar soluções, através de um trabalho de conscientização da população, que visa mudanças de hábitos e de posturas frente às injustiças sociais (movimento hip hop).

Socialmente, as periferias urbanas são áreas de concentração de moradias de população de baixa renda, carentes dos serviços básicos essenciais e que sofrem os efeitos dos longos deslocamentos para o trabalho, o consumo e o lazer. Reforçam um ciclo de pobreza cada vez mais difícil de romper.

(MOURA, 1996, p.11)

Um grande exemplo, desses movimentos, são os sarais de rap e de poesia, entre os quais se destacam os organizados pelo poeta de Taboão da Serra: Sérgio Vaz, que transformou o espaço de um galpão e antigo bar abandonado, no bairro Chácara Sto. Antônio, situado no extremo da zona sul de São Paulo, em um espaço de diálogo e recital de poesias conhecido como “Coperifa”, que é uma referência nacional e internacional, havendo encontros semanais. Há, também, o “Sarau Rap” no Centro de São Paulo (“Ação Educativa”), onde, uma vez por mês, poetas, MC’s, professores e artistas em geral se reúnem para ouvirem as letras dos raps, sem os instrumentos musicais, e refletirem sobre as mesmas. Sobre isso, Vaz salienta que:

Aqui nós buscamos cultivar o poder da palavra (poesia do rap), que nos foi negado(...). Procurando evoluir para depois revolucionar, porque o ritmo esconde a poesia e a partir do momento que os MCs começaram a fazer a poesia e a se ouvirem, eles passaram a ver erros e acertos ali. Ou seja, eles foram consertando a poesia e a poesia foi consertando os caras.

(2009).

1.4 - Rap: Identidade Cultural de alguns lugares da Zona Leste de São Paulo

Segundo Guimarães (1999, p: 48), o rap criou um estilo de ser e de se vestir que identifica seus adeptos imediatamente, em que o uso de agasalhos vestidos ao contrário, bonés, tênis de couro, bermudas largas, camisetas com frases ou com os rostos de líderes e músicos negros fazem com que o rapper seja logo identificado, em qualquer lugar do mundo.

(...) lugar é o sentido do pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem uma história dos seus habitantes

(MOREIRA; 2008, p. 164)

Ao andar pelas ruas, no extremo da zona leste de São Paulo, não é difícil observar a forte influência do movimento hip hop, na maioria dos seus bairros como: a Vila Verde, o Pq. Guarany, o jd. das Camélias; o jd. Santana; a vila Taquary; o Itaim Paulista, etc. Neles é possível observar as diferentes formas de manifestação do movimento hip hop, através das roupas largas; dos cabelos trançados; do jeito de andar e de falar gírias; do comportamento rebelde e desafiador, etc. Que mostram uma grande influência do processo globalizatório, que acabou gerando essa grande mistura de valores originados em diferentes locais, como África, Jamaica, Eua, etc.

O lugar representa e fixa relações e práticas sociais produzindo uma identidade complexa que diz respeito ao mesmo tempo ao local e ao global. Se dentro de um lado ganha materialidade numa ordem próxima que se revela enquanto territorialidade imediata, de outro, a constituição da sociedade urbana nos coloca diante do fato de que o urbano não designa mais a cidade e a vida na cidade mas passa a designar a sociedade que constitui uma realidade que engloba e transcende a cidade enquanto lugar, ligando pontos isolados do planeta que se constitui no mundial em processo de realização.

(CARLOS, 1996, p. 68)

Entre os seus adeptos, existem aqueles que procuram sinalizar ao máximo os seus sentimentos de identidade com o hip-hop, vestindo-se com roupas que estampam no peito e na cabeça a palavra hip-hop. E, pagando, pelas mesmas, preços que fogem de suas realidades financeiras. Como se a simples troca dessas roupas por outras comuns, determinasse a desterritorialização dos mesmos.

É impossível ignorar o fato de que o homem para habitar produz um certo espaço, delimita um território com o qual se identifica. Mas é impossível ignorar que, cada vez mais na metrópole, as formas de morar se constituem em exacerbação de individualidades, pelo fato de o cotidiano estar impregnado por um ritmo que impede a construção de sociabilidades.

(CARLOS, 1996, p. 75)

Já outros adeptos, apesar de gostarem do movimento, não se importam muito com as aparências e valorizam mais as construções das letras e a abordagem que elas fazem. Sendo, alguns deles, capazes de reproduzi-las, a partir de novas idéias. No entanto, só são reconhecidos como parte integrante do movimento, quando cantam, territorializando-se de forma intermitente.

Também, existem pessoas que não gostam do rap, mas que são influenciados por suas letras, por ressaltarem assuntos que remetem às suas realidades. O que mostra que o sentimento de pertencimento (conceito de lugar) não está atrelado apenas ao gostar ou não de algo, mas sim ao conhecer e conviver com o mesmo.

(...) é definido pela forte ligação com um local particular, é relação entre os homens derivada da prática e constituindo uma referência para os indivíduos. Assim os lugares enquanto áreas definidas da metrópole podem ser analisados enquanto espaço material onde o processo de apropriação aparece como condição necessária à vida que se realiza no e através do uso. Mas o uso não é um simples ato de consumo, ele coloca acento sobre as relações entre as pessoas com o espaço no plano do imediato, no nível das relações de vizinhança, na construção de uma identidade concreta.

(CARLOS, 1996, p. 69).

Atualmente, assim como aconteceu no Bronx, o rap não está restrito apenas às periferias distantes, pelo fato de ter sido adaptado à linguagem das classes média e alta, através de MCs, como Marcelo D2 e Gabriel, o pensador.

O que mostra que o rap atua de forma intermediária e imparcial, sem excluir nenhuma classe social, mas permitindo a liberdade de expressão.

Capítulo 2: Materiais didáticos no processo de ensino - aprendizagem

Segundo Nérici (1983), a didática foi definida primeiramente como *arte de ensinar*, que dependia muito da intuição do professor e da sua capacidade de empatia ligada à sua sensibilidade de se colocar na situação de outrem, compreendendo, com isso, a situação em que o outro está passando.

Essa capacidade de empatia facilita a chegada do professor até junto ao educando, com maiores possibilidades de adequação da aprendizagem. É de se notar que muitos professores, apesar da sua boa formação pedagógica, não têm capacidade de empatia. Outros a têm mais junto a crianças; outros, junto a adolescentes, e outros, ainda, junto a jovens ou adultos.

(NÉRICE; 1983, p. 46).

Em relação à educação, em específico, a definição de didática teria a seguinte conceituação:

Didática é o estudo do conjunto de recursos técnicos que tem em mira dirigir a aprendizagem do educando, tendo em vista levá-lo a atingir um estado de maturidade que lhe permita encontrar-se com a realidade, de maneira consciente, eficiente e responsável, para nela atuar como um cidadão participante e responsável.

(NÉRICE; 1983, p. 47).

Com base nessa definição, pode - se afirmar que o conceito de didática está diretamente ligado com à relação de ensino – aprendizagem, pois, segundo Scarpato (2004, p. 18), esse processo se dá sempre que o professor preocupa – se em ensinar o aluno.

Para Nérici (1987), a linguagem didática é o meio de comunicação do professor com o educando. É o veículo utilizado pelo professor para comunicar-

se com o educando, a fim de transmitir-lhe mensagens, da maneira mais simples, objetiva e direta possível.

A linguagem didática é, pois, simbologia usada pelo professor, por meio da linguagem oral, escrita ou audio visual, afim de efetivação do processo de comunicação com o educando.

(NÉRICI,1987, p. 195)

O professor precisa conhecer os alunos e a realidade em que os mesmos estão inseridos.

Scarpato (2004) salienta que é preciso contextualizar o processo de ensino – aprendizagem. Para isso, na construção do planejamento de ensino de uma determinada classe, o professor deve – se perguntar:

- Quem são meus alunos?;
- Quais são suas experiências?;
- Em que região a escola está situada?;
- Que fatos históricos esses alunos estão vivendo no momento?;
- Como eles aprendem?; e
- O que eles esperam das minhas aulas?

(SCARPATO, 2004, p. 19)

Procurar meios de estimular e despertar os interesses dos mesmos, através do uso de materiais didáticos, que o ajudem a transmitir as mensagens necessárias de forma clara e eficiente.

Para Nérici (1987), material didático é todo e qualquer recurso físico, além do professor, utilizado no contexto de um método ou técnica de ensino, a fim de auxiliá-lo na transmissão da sua mensagem para que o educando aprenda de uma forma mais eficiente.

Assim, material didático, seja qual for a sua modalidade, é aquele que incentiva, facilita ou possibilita o processo ensino– aprendizagem.

(NÉRICI, 1987, p. 204)

2.1 – O Rap como material didático no processo de ensino-aprendizagem

Em relação às escolas públicas, localizadas no extremo das periferias de São Paulo, nota – se a forte presença e influência do rap, cujas letras relatam e descrevem, de forma detalhista, a realidade e o cotidiano dos lugares. Além de utilizar uma linguagem simples, capaz de simplificar e traduzir o conteúdo das mensagens, transmitindo - as de forma clara e eficiente. Desse modo, poderia ser muito usado, pelos professores, como um *material didático* de apoio para o processo de ensino - aprendizagem.

O material didático é, no ensino, ligação entre a palavra e a realidade. O ideal seria que toda aprendizagem se efetuasse em situação real de vida. Não sendo isso possível, o material didático tem por fim substituir a realidade, representando-a da melhor forma possível, de maneira a facilitar a sua intuição por parte do aluno.
(NÉRICI, 1987, p. 204)

Há uma classificação dos Recursos Audiovisuais que são:

- I - Recursos auditivos: rádio, disco e fita magnética;
 - II – Recursos visuais: quadro-negro, (...), filmes, fotografias, (...), mapas, objetos, dispositivos e transparências;
 - III – Recursos audiovisuais: dispositivos e diafilmes com som, cinema sonoro e televisão.
- (NÉRICI, 1987, p. 206)

Nérici, salienta que: o material didático para realmente auxiliar e ser eficiente no processo ensino – aprendizagem, deve:

- Ser adequado ao assunto da aula;
 - Ser de fácil apreensão e manejo; e
 - Estar em perfeito estado de funcionamento.
- (1987, p. 204)

Apresento a baixo o relato e a descrição de um tema, da aula de História e de Geografia, feita por meio do trecho do rap “Escravos do Preconceito”, que pode ilustrar o conceito de material didático ao relacionar a palavra com a realidade.

Vinte dois de abril, nascia nosso Brasil. 1530, começa sua colonização, depois de 30 anos, sendo roubado sem perdão por portugueses, franceses e holandeses. Mas agora a bola da vez estava com Portugal, que em definitivo fez o povo passar mal, matando os índios, que não se entregaram, mesmo feridos. Até, pelos negros, serem substituídos. Estes vinham da África, arrancados de suas pátrias, Desterritorializados, sem dó... escravizados.

(MELLO, 2004)

Para Nérici (1987: p. 205), sempre que possível, o material didático deve ser feito pelos alunos, em articulação com outras disciplinas.

Apresento um exemplo de uma letra de rap, feita por uma aluna¹, e de uma poesia, feita por um grupo de alunos²:

A molecada já anda armada
Na esquina , em casa , no bairro , em toda quebrada.
Falar de droga pro pivete já é coisa normal,
Pra mim isso é uma vergonha, pesadelo sem final.
Muitas delas vão pro crime pra ganhar um nome...
Outas roubam mercados pra não morrer de fome.
Os moleques na vida estão sendo delinqüentes,
Se “bandeiam” pra gangues, não querem ser diferentes.
Famosas facções como o Comando Vermelho
Ao invés de paz e amor é palco de sangue e pesadelo.

¹A aluna em questão é uma MC (Mestre de Cerimônia) e poetiza, residente no bairro da Cidade AE Carvalho , com baixo poder aquisitivo, localizado no extremo da zona leste de São Paulo. Ela produziu este trabalho em 2007, de livre e espontânea vontade, e me presenteou com uma cópia.

² O grupo de alunos citados também são residentes do bairro da Cidade AE Carvalho, no extremo da zona leste de São Paulo, e contavam, em média, com 12 anos, quando fizeram essa poesia, em 2006, a pedido de uma professora de literatura, que pediu para que eles imaginassem como seria uma favela perfeita, relatando-a através de um texto.

Mesmo no veneno não perdem a pose,
Desfilam na rua com droga e pistola 12.
Meu orgulho na vida é ver uma criança feliz,
É um sonho perfeito que não está nesse país,
Muitas delas nesse mundo estão perdidas,
Estão acabando com suas próprias vidas.
A rua é a mãe delas, o lixo seu alimento,
Dorme sob a luz da lua, sob chuva, sol e vento.
Deus, olhe o menino sob aquela sarjeta.
Ele foi abandonado sem dó ao relento.
Chora lágrimas amargas debaixo do sofrimento.
Vidas acabadas, sonhos destruídos,
Meninas prostitutas, pivetes bandidos...
Nessa situação, o que devemos fazer?
Somente orar e implorar pro nosso Deus nos atender.
É lamentável o que está acontecendo na Terra,
Crianças mortas na droga, crianças mortas na guerra...
Não conhecem o carinho e o amor que uma mãe tem,
Pois, da vida, não recebeu e, da solidão, virou refém,
Guerreiras não podem perder a esperança por nada,
Sonham, um dia, estar na escola, e não mais na calçada,
Implorando um trocado pra sobreviver,
Uma casa e família, eles sonham ter,
Enquanto a elite não resolve os problemas,
Crianças pequenas vivem nesse dilema,
Crescendo revoltadas, sem dó e sem amor,
Criadas pela rua, abrigadas pelo terror.
Você reclama da sua cama, não quer seu colchão...
Elas dormem na calçada em cima de um papelão.
Elas procuram, famintas, algum alimento no chão.
Meninos castigados pela fúria do crime,
Assassinam outras pessoas como se fosse filme,
Bandidos destemidos serão, mais tarde, no futuro,
Mais uma facção grafitada no muro.
Criança pequena no orfanato,
Hoje com 15 anos já comete assassinato...
E ai Brasil!..., acorda pra vida,

Resgata essas crianças, que, no mundo, estão perdidas...

(aluna: Aline Silva, 3º C; 2007)

Lá no alto da colina uma voz se ouvia...
Era a voz de uma menina feliz a cantar,
Porque a sua vida é bela, sem violência na favela.
Onde ela mora é muito diferente,
Pois ela é independente...
Parece até uma ilusão...
Nessa favela tão perfeita, não tem drogas não.
Uma favela banida da civilização!,
Lá no topo do morro, uma favela com coração,
Sem preconceito de cor e sem desigualdade social,
Porque nela todo mundo é igual.
Na escola da favela o aprendizado é geral,
Na escola da favela todo mundo aprende legal...
Não é Morumbi e nem Copacabana;
Não é qualquer favela, é nossa favela urbana.
Não importa se é branco ou negro,
Pois, nela, não existe preconceito...
Quem nos dera se as nossas palavras se tornassem realidades,
Pois na nossa "favela" a maioria dos políticos são ladrão,
Não fazem nada pelo povo e só queremos mensalão.
(alunos: Thiago Maia; Thiago Mota; Fernando e Felipe; 6ª série; 2006)

Pode-se notar, que as letras expressam sentimentos de indignação e de revolta sobre assuntos que assolam as estruturas do nosso país. Numa poesia cheia de detalhes da realidade dura e cruel de muitos seres humanos marginalizados e excluídos da sociedade.

Cabe aos professores explorarem esses talentos, através de procedimentos de ensino, que utilizem materiais didáticos capazes de despertarem o interesse dos educandos . Interagindo com os mesmos ao dar liberdade para que desenvolvam suas habilidades cognitivas, afetivas, motoras

e sociais, de modo natural e democrático, a fim de transformá-los em cidadãos críticos, pensantes e competentes.

Você deve preparar a aula, claro, mas não usar essa pré organização como uma camisa de força, uma coisa estanque, sem possibilidade de maleabilidade. Tenha “jogo de cintura”. Seja maleável, treine o raciocínio rápido e lógico; amolde suas aulas às discussões que forem surgindo na sala. Lembre-se de que a base (tema) é a mesma, mas a sua abordagem depende dos alunos, dos seus níveis de interesses. Eles fazem parte de um mundo e de uma realidade que pode ser diferente... a vivência e a sobrevivência determinam reações e experiências de vida distintos.

(SANTOS, S., 1999, p. 118)

2.2 – O rap como material didático de apoio para o ensino de Geografia

(...) o aluno não participa do espaço geográfico que estuda. Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde, e a geografia torna-se alheia a ele.

(RESENDE, 1989, p. 83)

Cavalcanti (2006) salienta que o aluno é o sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; o professor tem o papel de mediador do processo de formação do aluno; a mediação própria do trabalho do professor é a de favorecer/propiciar a interação (encontro/confronto) entre o sujeito (aluno) e o seu objeto de conhecimento (conteúdo escolar). Nessa mediação, o saber do aluno é uma dimensão importante do seu processo de conhecimento (processo de ensino-aprendizagem).

A tarefa do ensino é a de tornar os conteúdos veiculados a objeto de conhecimentos para o aluno, o

que requer constante diálogo do sujeito do conhecimento, portador de uma cultura determinada, com esses outros objetos culturais, no sentido de atribuir-lhes significados próprios, o que é necessário para um processo de aprendizagem significativa. (CAVALCANTI, 2006, p. 71)

Segundo Cavalcanti (2006), quando o professor se defronta com a realidade da Geografia escolar e reflete sobre ela, pode distinguir dois tipos de práticas, uma que é instituída, *tradicional*; outra que são as práticas *alternativas*, que já é realidade em muitos casos. De um lado, uma prática marcada por mecanismos conhecidos de antemão: a reprodução de conteúdos, a consideração de conteúdos como inquestionáveis, acabados, o formalismo, o verbalismo, a memorização. De outro, algumas experiências e alguns encaminhamentos que começam a ganhar consistência, fundamentos, em muitos casos, em visões construtivistas de ensino.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção.

(FREIRE; 2005, p. 47)

Para Cavalcanti a tarefa de formação própria ao ensino de Geografia é de contribuir para o desenvolvimento de um modo de pensar geográfico, que compõem um modo de pensar sobre o mundo e a realidade que nos cerca, pois não basta apresentar os conteúdos geográficos para que os alunos o assimilem, é preciso, trabalhar com esses conteúdos, realizando o tratamento didático, para que se transformem em ferramentas simbólicas do pensamento.

Todo esse processo requer que a Geografia ensinada seja confrontada com a cultura geográfica do aluno, com a chamada geografia cotidiana, para que esse confronto/encontro possa resultar em processo de significação e ampliação de cultura do aluno.

(CAVALCANTI, 2006, p. 72).

O rap está presente no cotidiano de alguns lugares da zona leste da cidade de São Paulo e pode ser utilizado dentro da sala de aula como um material didático de apoio para o ensino de Geografia ao possibilitar o confronto entre a cultura geográfica do aluno e os conteúdos do ensino de geografia.

Porém, Paulo Freire (1996, p. 26) salienta que ensinar exige rigorosidade metódica e disciplina. Com base nisso, apresento abaixo alguns planos de aula, em que utilizo letras de rap para ministrar as aulas de geografia.

Conteúdo: Lugar, Território, Paisagem e Espaço

Objetivos

Fazer o aluno refletir sobre:

- a realidade que o rodeia como: os processos que transformaram a floresta (Mata Atlântica) numa paisagem urbanizada;
- os problemas sociais de transporte públicos superlotados e ao mesmo tempo caro com relação ao salário mínimo;
- sobre a formação de diferentes paisagens produzidas a partir das relações espaciais que transformam as cidades;
- sobre as diferentes distribuições dos lugares dentro dos territórios, etc.

Material didático:

”Se a Branca de Neve e os Sete anões vivessem nos dias de hoje como será que eles voltariam para casa?”. Na minha concepção eles voltariam da seguinte forma:

Segunda-feira, São Paulo, Capital,
Final de expediente, correria geral.
Voltamos para casa num busão lotado,
Caindo aos pedaços, sucateado,
Que cobra um preço absurdo:
-Dois contos³, é o fim do mundo.
Todos exprimidos; trânsito infernal,

³Quando escrevi essa letra, em 2004, o valor da tarifa era de R\$ 1,70, porém, ao longo dos cinco anos seguintes ela sofreu três reajustes e, atualmente, custa R\$ 2,70.

Devido a um acidente na Radial.
Bem em frente ao shopping Tatuapé,
Aonde eu só vou pra dar um rolé.
Depois de duas horas o busão chegou
Na avenida Imperador, opa, demorou!,
É no final dela que descemos,
São Miguel Paulista, onde crescemos.
-“Chegamos!”, alguém gritou...
Descemos todos cantando, então, agora eu vou:
- “Agora eu vou!...”,
- “Pra casa!”,
- “Pra casa agora eu vou”.
(Mello, 2005)

- **Avaliação:** foi feita por meio de questões (vide anexo 2), que valorizam o raciocínio dos educandos.

Conteúdo: Estrutura Interna da Terra

Objetivo:

- envolver a participação dos alunos, ao partir de conhecimentos ligados a um objeto que todos conhecem, para depois mostrar as semelhanças entre os processos existentes no interior da panela de pressão e no interior do planeta Terra.

Material didático:

Apresento um texto adaptado para a aula.

Se a Terra fosse uma maçã, a crosta seria sua casca. O que mostra que nós vivemos apenas na superfície da mesma. Pois, no seu interior, está concentrada a maior parte dos materiais (minerais) que a compõem, o Magma. Uma substância coloidal formada por uma série de diferentes minerais, que por possuírem pesos diferentes, serão organizados, pela gravidade, numa fila por ordem de densidade, onde os mais pesados migrarão para o centro, enquanto que os menos densos ficarão mais próximos da superfície.

Porém, devido às grandes temperaturas e pressões, esses materiais começarão rotacionar entre si, através da formação das correntes de

convecção, numa dinâmica muito grande que em muito lembra a dança do hip hop (balançar os quadris).

Esse mesmo processo também ocorre dentro de uma panela de pressão, pois os materiais mais pesados do que a água, também vão para o fundo e ao se fechar a tampa e ligar o fogo, aumentando a temperatura e pressão dentro da panela, os materiais também são envolvidos numa dinâmica muito grande, que visa a saída dos mesmos, ou de, pelo menos, parte deles, para manter o equilíbrio interno e impedir que a panela exploda. O que certamente aconteceria se não existisse o pino da panela, que nesse caso pode ser comparado com as falhas tectônicas e com os vulcões. (MELLO; 2005).

Para sistematizar esses processos físicos e químicos , desenvolvi a seguinte letra:

Nunca parou o seu interior,
Devido ao grande calor,
Que derreteu vários materiais,
Minérios, ham, minerais...
Formando uma fila por ordem de densidade,
Organizada pela gravidade.
O ferro, o níquel: barras pesadas,
Foram para o centro tomar conta da quebrada.
Mas nos extremos, gases brigam entre si,
Lutando pra sair...
De tanta pressão,
Terra: uma "panela de pressão".
Terra, Terra...
Um organismo vivo;
Dinâmica pra cá,
Dinâmica pra lá...
Ao som do hip hop ela não pára de dançar...
Na superfície a casca...
Conhecida como placa...
Tectônica, tectônica...
Placa flutuante sobre o magma,
Que não pára de balançar,
A empurrando para lá e para cá...

Sem controle remoto,
Atinge a superfície com o terremoto,
Abalo sísmico, maremoto...
Hip hop na área, o grande vilão,
Gravidade e pressão controlam o seu som
Pra festa não parar...
E nem a Terra parar de dançar
Terra, Terra...
Um organismo vivo;
Dinâmica pra cá,
Dinâmica pra lá...
Ao som do hip hop ela não pára de dançar
E o vulcão representa na função...
De pino da panela de pressão,
Válvula de escape de gases
E de alguns materiais,
Jogados para fora quentes demais,
Para serem resfriados, solidificados...
E, em rochas, transformados,
Dando a "guela"...
De que a Terra... é uma panela,
Cheia de pressão
E que o seu pino... é o vulcão.
Terra, Terra...
Um organismo vivo;
Dinâmica pra cá,
Dinâmica pra lá...
Ao som do hip hop ela não pára de dançar
(MELLO, 2005)

- **Avaliação:** foi feita através de um questionário (vide anexo 1) com questões, que buscam valorizar o processo e as analogias expostas na música e a capacidade de reconstrução dos alunos.

Conteúdo: Urbanização e Crise de Identidade

Objetivo:

- fazer o aluno enxergar as duas identidades, do Senhor e do menino, em relação ao rio Tietê. Que são descritas, por ambos, em períodos históricos diferentes. Mostrando, com isso, as dinâmicas espaciais que remodelam as paisagens ao longo dos tempos, criando novas relações de identidades entre o homem e o meio.

Material didático:

Apresento um texto adaptado para aula.

Imagine o encontro de duas pessoas, um idoso e um garoto, dentro de um ônibus, onde o primeiro vivenciou o período em que o rio Tietê era limpo, enquanto que o último sempre o viu poluído. Trata-se do choque de duas identidades sobre o mesmo rio, porém, em épocas diferentes. O que pode ser, melhor, explicitada, através da seguinte letra:

Descendo a ladeira de busão,
Extremo da zona Leste, quase no Pimentão.
Olho pela janela e vejo o Tietê,
Que podridão!, não dá pra entender.
Favela do buraco quente,
Jd. Helena, mais especificamente,
Onde, em volta do rio, mora uma pá de gente,
Vivendo num estado deprimente;
Do meu lado um tiozinho,
Que mesmo triste, me olho sorrindo,
Dizendo:
- Naquele tempo era bom, dava gosto em ver...
Um rio chamado: Tietê...
Onde uma pá de barco vivia circulando
E uma pá de gente vivia tomando banho,
Um lugar que dava até pra namorar,
O rio Tietê era nosso mar;

Hoje só restou um triste luar,
Que chora todas as noites sem parar,
Lamentando a morte do seu amigo,
Envenenado por uma pá de lixo.
Não dá pra entender, não dá pra acreditar...
Mataram o nosso Tietê"...
(MELLO, 2005)

- **Avaliação:** foi proposto um trabalho voltado para as questões que giram em torno do rio Tietê, como: as enchentes, procurando entender os processos naturais, geradores da mesma, e como eles são intensificados pela ação antrópica.

O propósito dessas aulas foi mostrar que o professor tem que ter autonomia dentro da sala de aula para transmitir as mensagens necessárias, aos alunos, de forma maleável e criativa, estando sempre aberto a novas ideias e disposto a trilhar novos caminhos na construção de um saber democrático, reflexivo e crítico.

(...), o professor não é apenas aquele que traduz textos para os alunos (...). O professor deve ser menos um mero repassador daquilo que se insistiu como verdade e mais o sujeito capaz de relativizar as verdades a partir do saber social contido na realização do seu próprio fazer histórico.
(FERNADES, 2008, p. 18).

Capítulo 3: Pesquisas de Campo

Para mostrar o quanto o rap pode apoiar o processo de ensino - aprendizagem nas aulas de Geografia. Apresento a pesquisa de campo realizada em duas escolas públicas situadas no bairro de Itaquera na zona leste da cidade de São Paulo entre o período de 2004 a 2009. Intitularei as escolas de A e B.

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (...), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

(SEVERINO, 2007, p. 123)

Na escola A, a pesquisa foi feita durante o ano de 2004, quando eu cursava o 2º ano da graduação, num estágio supervisionado. A escola possui, em média, 2500 alunos, distribuídos em três períodos (manhã, tarde e noite), com condições sócio econômicas de baixo poder aquisitivo, variando entre classe média baixa e classe baixa.

Por não possuir muita autonomia, realizei, basicamente, um trabalho de observação empírica descritivo, com pouca prática em sala. Porém, pude, de forma informal, dialogar bastante com os alunos dos 3º e 4º ciclos (de 5ª a 8ª séries), O que possibilitou uma maior aproximação entre mim e os mesmos, que se sentiram a vontade para agirem naturalmente e me contarem um pouco sobre suas vidas cotidianas (do que mais gostavam; os nomes dos familiares; as brincadeiras; as músicas preferidas, etc).

Já no início de 2006, quando fui efetivado ao cargo de professor titular de Geografia do Estado de São Paulo, iniciei um trabalho de pesquisa, que durou três anos, com os alunos do fundamental II e ensino médio na escola B, também localizada na zona leste da cidade de São Paulo, que atende, em média, 2400 alunos destruídos em três períodos, que também possuíam baixo

poder aquisitivo (variando de classe média baixa a classe baixa), porém com condições sócio econômicas um pouco mais precárias do que às dos alunos da escola A, pois a grande maioria, dos alunos da escola B, reside em habitações, juridicamente, irregulares (“invasões”) ou em COHABs, localizadas nos arredores da escola.

Nessa escola, pude realizar uma pesquisa mais aprofundada, sobre as possibilidades do uso do rap como material didático no ensino de Geografia, por meio de: observações empíricas, experiências em sala de aula e coletas de redações críticas e reflexivas, feita pelos alunos, sobre alguns trechos de letras de raps, adaptados aos conteúdos de algumas aulas de Geografia, em diversas situações.

3.1 – Pesquisa de Campo na escola “A”

Ao longo de 2004, quando cursava o 3º e 4º bimestre da graduação, realizei um estágio em geografia, de aproximadamente, 60 horas aula, numa escola pública municipal, localizada na zona leste de São Paulo, onde acompanhei as aulas dos 3º. e 4º. Ciclos (5ª. A 8ª. Séries) de dois professores de Geografia. Podendo notar que os mesmos demonstravam-se desanimados e frustrados profissionalmente não só por causa dos baixos salários e da longa jornada de trabalho das 7:00 às 23:00, mas principalmente devido ao desinteresse e descaso dos alunos em relação ao conteúdo das aulas. Tendo um deles me dito a seguinte frase: *“os alunos de hoje em dia não estão mais preocupados com os estudos. Eles só querem saber mesmo é de empinar pipa, bater figurinha e rodar pião”*.

Ao ouvir isso, passei a observar com mais atenção as aulas para tentar compreender as dificuldades, de transmissão de conhecimentos, encontradas pelos professores. Porém, percebi que esses problemas não se estendiam por todas as salas, pois algumas eram mais “homogêneas” do que as outras e reuniam os alunos mais aplicados. Mas, mesmo nessas classes “especiais”, percebi que também havia educandos com dificuldade para entender os conteúdos trabalhados pelo professor.

Já nas outras classes, principalmente nas de 5ª. série, foi possível observar que alguns alunos agiam como se o professor estivesse ausente, passeando pela sala e perturbando os outros colegas, que demonstravam um certo interesse pelos conteúdos. No entanto, quando eles eram reprimidos pelo professor agiam com extrema falta de respeito, como se não reconhecessem mais a autoridade do educador sobre a sala e estivessem disputando o domínio desse território.

A palavra território normalmente evoca o “território nacional” e faz pensar no Estado (...), em grandes espaços, em sentimentos patrióticos (...). No entanto, ele não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala ou à associação com a figura do Estado. Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex., uma rua) à internacional (...); territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica.

(SOUZA; 1995, p. 81).

Com a ausência de um dos professores, me coloquei a disposição para adiantar a matéria deixada, pelo mesmo, para as 5ª. séries. E ao entrar na sala, prometi ser legal com a condição de que eles colaborassem, mas ao virar as costas para escrever na lousa, uma grande baderna começou e em pouco tempo eu já havia perdido o controle e a autoridade sobre os alunos.

Porém, o que mais me chamou a atenção naquele momento foi a forma em que o conteúdo (fusos horários) estava sendo trabalhado pelo professor, que estava utilizando um texto extremamente técnico, de difícil compreensão e inadequado para àquela série.

Fiquei assustado com o comportamento dos alunos, mas após observação percebi como esse conteúdo estava sendo passado de forma mecânica, através de uma linguagem incompreensível que não condizia com a realidade vivida pelos alunos, no lugar onde a escola estava situada.

Tal fato, despertou - me o desejo e o desafio de desenvolver uma proposta de aula que partisse do conhecimento já adquirido pelos alunos,

adaptando as informações, a serem transmitidas, à linguagem e à realidade dos mesmos. Foi quando, numa atividade didática usada na disciplina de cartografia na graduação, fiz uma poesia intitulada “Como se faz um Calendário”, que depois foi aplicada com os alunos.

Imagine que a Terra seja um pião,
Que gira em torno de si mesmo,
Dando origem a um fenômeno
Chamado, por alguém, de Rotação.
O planeta é grande, mas não é sedentário,
Gira constantemente e sem atraso.
Uma volta, em torno de si, demora um bocado:
Vinte e quatro horas, dia , a base do calendário;
A “Terra-pião” não é parada,
Gira em torno de uma estrela, a única do Sistema
Solar.
- Isso mesmo Ana, é o Sol, que não deixa a Terra
descansar,
Atraindo-a para perto de si, na esperança de, um dia, a
abraçar.
A Translação, que rima com Rotação,
Demora muito mais...
365 dias, ano, e a cada quatro...
- “Um dia a mais”!...
- “Isso mesmo Joãozinho, muito perspicaz!
- “Mas professor, e o mês?...
- “Calma Joãozinho!. É como num jogo de Xadrez,
Onde existem peças fortes convivendo com peças
fracas,
O Sol, forte; a Terra, fraca”.
Mas existe a Lua...
Da Terra, sua...
Que a obrigou a girar em volta dela...
Sem dar a ela nenhuma trégua.
- “Esta (volta) demora em média trinta dias”.
- “Um mês professor!”,
- “Isso mesmo, Obadias!,
Que irão dividir o nosso ano em doze partes”.
- “Entenderam como se faz um calendário?”,

- Não!, mas se ninguém tivesse o inventado...
Eu jamais saberia o dia do meu aniversário”...
(Mello, 2004)

Após o uso da poesia em sala de aula percebi a importância de ganhar a confiança dos alunos, através de uma maior aproximação, minha, com os mesmos, para conhecer a realidade em que eles estão inseridos. Além dos seus gostos e de tudo aquilo que eu pudesse explorar, para atrair as suas atenções nas aulas. No entanto descobri que se tratavam de seres humanos extremamente carentes de atenção, que se sentiam valorizados com um simples cumprimento do professor, passando a vê-lo com outros olhos. Sendo assim, consegui criar um laço de amizade com os mesmos, que começaram a me contar sobre as suas vidas com uma grande riqueza de informações, como: do que mais gostavam; os nomes dos familiares; as brincadeiras; as músicas preferidas, etc.

Numa conversa informal com um grupo de alunos da 5ª série, percebi que um deles havia desenhado e produzido uma rosa dos ventos, muito bem feita. A qual segurei e coloquei de cabeça para baixo para ver se eles tinham uma noção sobre a utilização daquele material. Até que um deles me chamou a atenção sobre o fato de o Norte estar apontado para baixo. O que me deu a oportunidade de ensiná-los sobre os pontos cardeais, usando como referência o nascer (leste) e morrer (oeste) do Sol.

Apesar de ter conseguido alguns êxitos, não pude fazer mais por esses alunos, devido a pouca autonomia em sala e ao término dos estágios. Mas não pude deixar de notar que apesar deles estudarem numa escola municipal que exigia que todos fossem uniformizados, sempre havia alguns que contrariavam essa regra, indo vestidos com roupas largas e coloridas, mostrando uma forte identidade desse lugar a cultura hip hop.

3.2 – Pesquisa de campo na escola “B”

Ao final do ano de 2005, no último semestre da minha graduação em Geografia, fui chamado para fazer a escolha de uma escola, referente a um concurso público do Estado de São Paulo, em que eu havia prestado no final

de 2003. Escolhi uma escola estadual, localizada na zona Leste de São Paulo, num lugar extremamente isolado com pessoas de baixo poder aquisitivo e extremamente carentes. Mas com uma topografia bastante privilegiada, no alto do morro, com grandes possibilidades do uso de exemplos concretos, que poderiam ser explorados, por meio da paisagem, exuberante e rica em detalhes, vista a partir das janelas da escola. Além de poder colocar em prática o trabalho que já vinha desenvolvendo com o rap em outras escolas, porém, com muito mais organização e autonomia, pois agora tinha as minhas próprias salas.

Tomei posse do cargo em 2006, tendo escolhido trabalhar com o fundamental (6ª e 7ª séries) no período da tarde e com três classes do ensino médio no período da noite, um regular e duas suplências. Nas primeiras semanas trabalhei com muita emoção e pouca organização, mas com o passar do tempo, fui ganhando experiência e amadurecimento, que me possibilitaram aprimorar os meus métodos de trabalho e desenvolver outros.

Relatarei alguns exemplos com as 6ª séries, com as quais trabalhei o conceito de paisagem (ligado aos órgãos sensórios) e depois as dinâmicas naturais e, principalmente, sociais, que as transformaram ao longo do tempo, utilizando como meio a contextualização da história da Branca de Neve e dos anões. A qual ganhou novos contornos, por meio de uma letra de rap, que desenvolvi.

Redigi na lousa a letra abaixo.

Como na estória da “Branca de Neve e os sete anões”,/
Também viverão aqui com várias civilizações, /
Que moravam na mata Atlântica, / Sendo arrancados,
tratados sem importância, Índios, negros, brancos,
mestiços... Cujos descendentes permanecem
vivos...Numa “floresta” de concreto e aço,
Sendo, todos os dias, bombardeados...Pela falsa
alegria das drogas... da mídia, Destruidores de vidas e
das famílias das periferias...E hoje em dia, voltam do
centro à periferia, Cantando rap, que é o que liga...
Mello (2006)

Logo depois, criei um questionário (vide anexo 2), visando valorizar os processos espaciais desta contextualização e fazendo com que os alunos refletissem, sobre os mesmos, ao se envolverem e se identificarem com a história.

Após aplicá-lo, comecei a trabalhar os fundamentos do espaço geográfico, que envolve a regionalização dos territórios com base em alguns critérios econômicos, que segregam as classes sociais, favorecendo às de maior poder aquisitivo em detrimento das de menor.

Pensada nesse sentido a aula é processo e não produto, não é uma coisa com finalidade plenamente determinada, ainda que tenha um fim, não é coisa que possa se assemelhar à mercadoria que se troca por algo. (FERNANDES, 2008, p. 15)

Já com as 7ª séries, trabalhei no segundo semestre, desse mesmo ano, o tema: “Migração”, explicando os conceitos de: emigração e imigração e as principais causas responsáveis pelas mesmas, como: econômicas; naturais e bélicas. Depois pedi para que eles fizessem uma entrevista com dez migrantes em grupo de cinco pessoas para que nós pudéssemos comparar a teoria com a realidade e ver se as causas eram as mesmas, principalmente, econômicas. O que acabou sendo comprovado. Além do fato de todos os alunos serem descendentes de migrantes, mas não se enxergarem como tais. O que nos possibilitou uma reflexão mais profunda sobre esse assunto, através do trecho do rap: “*Castelo de Madeira*”, que redigi na lousa para fazer uma leitura geográfica.

Milhões de brasileiros não tem teto não tem chão / Eu sou apenas mais um na multidão / Não vai pra grupo com minha calça, minha peita, minha lupa / Se canto rap aí, não se iluda. / Ah lá! tô vendo a cena vai chover e o rio vai transbordar / E meu castelo de madeira vai alagar. / Isento de imposto eu mesmo abraço com meus prejuízos / Natural sofrer se os cordões são indecisos. / Mil avisos, periferia desestruturada / Mil moleque louco, no crime mostra a cara. / Centenas de

vezes vi a cena se multiplicar... Quando cheguei ate aqui não tinha ninguém agora tem uma pá./ Moleque doido eu enfrentei o mundão de frente / Ausente em várias “fita”, bandido filho de crente / No pente, desilusão, dinheiro, mulher / Mais pra frente se Deus quiser mais resistente à fé / Rumo ao centro calos nas mãos multidões / Toda essa rebeldia reforça os refrões / Talvez você não saiba do herói que vive a guerra / Com uma marmita fria sem mistura eu sou favela / Vivi pensando a vida inteira em fazer um regaço / Mas agora que conquistei meu sonho, aquele abraço./ Mas não importa se chão de terra tem poeira/ Realizei meu sonho, meu castelo de madeira. Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira / Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira. / Sou príncipe do gueto só quem é desce, sobe a ladeira / Sou príncipe do gueto e meu castelo é de madeira.

A Família (2004).

E sobre esse trecho, pedi para que os alunos fizessem uma análise⁴ textual com base nas aulas sobre migração. Veja uma delas:

Tudo indica que (...) que o autor veio da parte nordeste do Brasil em busca de uma condição melhor de sobrevivência. Esta história vem se repetindo várias vezes com milhões de nordestinos que sem condições, apenas com a passagem de vinda, não têm dinheiro para viver na cidade e vão viver no morro ou nas favelas. Ele diz que já sabe o que acontece quando chove: o rio transborda e alaga o “castelo de madeira” ou os barracos construídos na favela. Como não pagam impostos **(será que eles não pagam impostos?)**, o governo não ajuda. No desespero pela sobrevivência, adolescentes ganham dinheiro, para a família, no crime (...). Essas pessoas vêm com a ilusão de terem uma vida melhor, mas percebem que é bem

⁴ O objetivo desta análise era o de treinar o olhar dos alunos para uma leitura geográfica a partir do trecho de um rap que relata o drama de um migrante. Mostrando a desigualdade social no campo e na cidade; os motivos desses deslocamentos; o conceito de lugar, percebido pelo jeito de falar do migrante em questão, etc.

diferente do que pensavam. Assim, acabam virando guerreiros, que lutam por sua própria sobrevivência na cidade grande. Vieram pensando em ter uma vida de reis e rainhas e construírem seus castelos, mas acabam virando “Príncipes dos Guetos” com seus “castelos de madeira”, que alagam quando chove. Traficantes, controlando quem sobe e quem desce a ladeira.

(alunas: Larissa Félix e Dalila Ribeiro; 7ª A; 2006).

Já com os 2º anos do Ensino Médio, EJA (Educação de Jovens e Adultos) e regular, trabalhei os temas: Capitalismo e Globalização ao longo dos dois primeiros bimestres.

Fiz um esboço do mapa do mundo na lousa e no lugar da Europa eu escrevi Cidade AE Carvalho (bairro onde se localizava a escola) e no lugar das Índias, Brás (centro comercial popular de São Paulo), *perguntando o que o Brás tem que a cidade AE carvalho não tem*. E em cima disso desenvolvendo o raciocínio dos alunos através do processo. Depois incrementei o desenvolvimento tecnológico, como meio de facilitar essas relações comerciais. O que acabou gerando a Globalização.

Porém, fazendo uma análise crítica sobre a mesma, ao mostrar que não houve só a difusão de: mercadorias, pessoas, línguas, doenças, etc..Mas principalmente, a difusão da exclusão e da desigualdade social. Além, de ela criar um padrão de vida que tenta destruir e ocultar as diferentes manifestações culturais que não se encaixam em seus padrões de “beleza” comercial. Utilizando, com os alunos, algumas formas de avaliação, através de questões que valorizam os processos, como: “Por que a Europa as Índias, do período do Capitalismo comercial, podem ser compradas com a Cidade AE Carvalho e com o Brás, respectivamente? Explique”. E, através da análise de um trecho do rap “Negro Drama”, que redigi na lousa e lhes apresentei:

Daria um filme: uma negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço... Veja, olhe outra vez o rosto da multidão, a multidão é um monstro sem rosto e coração. Em São Paulo, terra de arranha céu, a garoa rasga cara é a Torre de Babel. Família brasileira,

dois contra o mundo, mãe solteira de um promissor vagabundo; luz câmera e ação, gravando a cena vai...Um bastardo, mais um filho pardo, sem pai. Hei... Senhor de Engenho eu sei... Bem quem você é... Sozinho você não agüenta. Você disse que era bom e a favela ouviu... tem wisck, Red Bull, tênis Nike e fuzil... admito, seus carro é bonito... e eu não sei fazer: internet, vídeo cassete, uns carro louco. Atrasado eu tô um pouco sim... eu acho, só que tem que... seu jogo é sujo e eu não encaixo...

(Negro Drama, Racionais MC's; 2002).

Solicitei que os alunos fizessem, em grupo, uma análise, por meio de uma redação dissertativa, do trecho desse rap com base nas aulas anteriores de Geografia sobre capitalismo e globalização. Apresento algumas dessas análises abaixo:

Globalização é uma aplicação que ocorre no mundo inteiro. Como fala na música que são: internet; vídeo cassete, os carros e o "Red Bull". A globalização foi gerada pela tecnologia, que acelerou o comércio de mercadorias, que foram distribuídas pelo mundo inteiro. Porém, ela atrai a desigualdade social, fazendo jogo sujo e roubando as riquezas dos outros, que acabam sendo esquecidos pela globalização.

(aluno: Alves, Alan; 2º ano; 2007).

Apesar de toda tecnologia e modernidade de nossa sociedade, ainda enfrentamos problemas sérios como a fome, o desemprego, a corrupção, as diferenças sociais, etc.

A vida segue o ritmo do relógio, este, por sua vez, controla todas as atividades humanas, que devem se adaptar às imposições da sociedade capitalista. Assim como nos desenhos animados, na vida real a consciência sempre opina em seus atos, mas no fim é sempre você quem responde por eles.

Os meios de comunicação são responsáveis pela disseminação de valores materialistas na sociedade em

detrimento dos valores humanos, ou seja, nossos valores foram vencidos pela “Sociedade do Consumo”, onde o mais importante é ganhar dinheiro para poder consumir os produtos lançados no mercado.

Dentro do século da informação quantas vezes não nos sentimos desinformados, alheios à realidade, desorientados quanto à condição de vida da nossa família, de nossos amigos, de nossa comunidade e de toda sociedade em geral.

De fato a evolução tecnológica pode trazer conhecimentos ilimitados, pode fornecer cada vez mais bens de consumo, conforto e segurança, mas jamais, a cada um de nós, o significado da nossa própria existência, dizer o que realmente queremos ou precisamos para encontrar aquilo que jamais procuramos: a “Felicidade”...

Pensamos sempre em trabalho, trabalho, em dinheiro, contas pra pagar, etc. E a convivência familiar está sendo deixada de lado por causa do ritmo frenético que a sociedade nos impõem”.

(aluna: Alessandra de Araújo; 2ºTA; 2007).

A grande população brasileira, pertencente à classe baixa, vive perdida numa cidade grande, onde a burguesia, “sem rosto e coração”, vive olhando famílias, batalhando para sobreviver, sem ter ao menos o que comer. Sendo mal tratadas, humilhadas, mas sempre lutando por sua jornada. Aqui não é cinema e nem televisão: - Mostra sua cara irmão!. Que aproveita da inocência daquela mulher sofredora, que faz um corre para ter um prato de comida quente. Enquanto você nem liga, mesmo sabendo que ela tem um filho lá na favela.

Eu conheço várias pessoas como você, sozinho no mundão, mas você não é nada, pois depende da nossa sociedade para que possa desfrutar da sua ambição. Tem carro novo e muitas mulheres. Enquanto seu filho vive em outro mundo, sem comunicação: televisão, vídeo cassete, internet. O que ele tem é um “pião”, através do qual vê o mundo girar com alegria e

fantasia, vivendo dia a dia na esperança de, um dia, poder viver na sua cidade.

(alunos: Cláudio Félix e Rosângela H.; 2ºTA; 2007).

Apresento um outro exemplo de análises, feitas pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio, a partir do seguinte trecho do rap “Fim de semana no parque”, como base nas aulas de geografia sobre a desigualdade social no espaço urbano:

(...) Me dê quatro bons motivos pra não ter...
Olhe o meu povo nas favelas e vai perceber!...
Daqui eu vejo uma “caranga” do ano,
Toda equipada, com um tiozinho guiando;
Com seus filhos ao lado, estão indo ao parque,
Eufóricos com os brinquedos eletrônicos.
Automaticamente eu imagino... a molecada, lá da área,
como é que tá, Provavelmente, correndo pra lá e pra cá,
Jogando bola, descalços, nas ruas de terra.
(...) Falando palavrão é o jeito deles,
Eles não têm vídeo game, as vezes nem televisão.
(Racionais MC’s; “Fim de Semana no Parque”; 1994)

O texto acima fala sobre a desigualdade social na cidade de São Paulo, apontando especificamente a região da zona sul. O tema refere-se a bairros próximos, porém segregados pela diferença sócio econômica.

A região do Morumbi é onde o governo aplica a maior parte do dinheiro obtido por meio de impostos. Pois os grandes empresários, por terem um padrão de vida melhor e por serem bem sucedidos, pressionam o governo (Estado) para que ele invista mais dinheiro nas regiões centrais.

O Capão Redondo é um bairro bem próximo ao Morumbi, mas que reflete o oposto do mesmo, sendo marcado pela miséria e pela falta de investimentos. Reflexo de uma sociedade dividida em classes sociais.
(Everaldo Azevedo; 1ºTB; 2007)

Na cidade de São Paulo é muito comum a desigualdade social. Por exemplo, na zona sul, de um lado, existem lugares como o Morumbi, cheios de infra-estruturas modernas. Ao contrário de outros lugares como o Capão Redondo, localizado na mesma zona sul, onde as pessoas são esquecidas pelo governo e vivem em condições subhumanas, sem infra-estruturas e áreas de lazer para seus filhos. Por isso podemos dizer que há desigualdade social na cidade de São Paulo.

(Aluno: Severino Diniz; 1ºTB; 2007)

Capítulo 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa pesquisa possibilitaram grandes reflexões sobre o ensino de Geografia, no que tange às possibilidades de adequá-lo às diferentes realidades e circunstâncias. Partindo sempre do pressuposto de que o aluno é sujeito ativo de sua própria formação, sendo o professor mediador desse processo.

Nérici (1987) salienta que deve-se respeitar as identidades culturais dos alunos, adequando-se a elas para facilitar a transmissão das mensagens, através do uso de materiais didáticos capazes de fazerem a ligação entre a palavra e a realidade. O rap seria um desses materiais, pois tem como característica a descrição do cotidiano dos lugares de forma detalhista, reflexiva e crítica, como pode ser observado no trecho do rap “Fim de Semana no parque, do grupo Racionais MCs:

(...) milhares de casas amontoadas, ruas de terra/ Esse é o morro, a minha área me espera./ Gritaria na feira: - Vamos chegando!! Eu gosto disso mais calor humano. Na periferia a alegria é igual/ é quase meio dia e a euforia é geral. Lá também moram meus irmão e meus amigos e a maioria por aqui se parece comigo.(...).Preste atenção no repique, atenção no acorde. – Como é que é mano Brown!?. – Pode crer, pela ordem. A número... número 1 em baixa renda da cidade, comunidade zona sul é dignidade.(...). Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo/ pra molecada frequentar, nem um incentivo. Investimento no lazer é muito escasso e o centro comunitário é um fracasso, mas se quiser se destruir está no lugar certo, tem bebida e cocaína sempre por perto... a cada esquina, 100, 200 metros.

(1993)

A capacidade que o rap possui de descrição da realidade dos lugares, com precisão, acaba gerando vínculos de identidade entre ele e as pessoas, não só pelo estilo musical, mas, principalmente, pelo conteúdo de suas letras

que dão voz aos agentes produtores e modeladores dessas paisagens descritas. Ainda que a realidade das mesmas apresentem diversos problemas sociais. Como salientam Moreira (2008), sobre o conceito de lugar, e Carlos (1996), que mostra a relação entre lugar e territorialidade. Em que as pessoas, ao se identificarem com uma determinada porção do espaço físico, territorializam – se, no mesmo, e o delimitam por meio de fronteiras. Processo descrito no rap “*Fórmula Mágica da Paz*” dos Racionais MC’s:

Essa porra é um campo minado/ Quantas vezes já
pensei em me jogar daqui/ Mas ai... minha área é tudo
que tenho/ A minha vida é aqui...eu não preciso sair...
é muito fácil fugir, mas eu não vou... Não vou trair
quem eu fui, quem eu sou. Eu gosto de onde eu to e de
onde eu vim. Ensino da favela fez muito bom pra
mim. Cada lugar o lugar. Cada lugar uma lei, cada lei
uma razão, que eu sempre respeitei.

(1997)

A linguagem do rap é o primeiro passo para os professores de Geografia entenderem a linguagem das ruas, com as quais os alunos, residentes nos extremos das periferias da cidade de São Paulo, estão acostumados, pelo fato dela fazer parte da realidade dos mesmos. A qual possibilita uma maior aproximação entre professores e alunos na construção do saber, pois valoriza e considera a geografia cultural dos alunos, dando sentido ao ensino.

Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde, e a geografia torna-se alheia a ele.”(RESENDE, 1989, p. 83)

Durante a pesquisa de campo pude colocar em prática essa teoria em duas escolas por meio de observações e diálogos, no primeiro momento, e depois, por meio de práticas em sala de aula. Utilizei o rap, como material didático de apoio, em várias circunstâncias e em diferentes momentos das

minhas aulas de Geografia com alunos do fundamental II e do ensino médio. Sendo os planos de aula (descritos no capítulo 2) cruciais e de grande importância na organização das mesmas, pois cheguei a conclusão de que o rap deve ser usado em harmonia com os outros materiais didáticos e não isoladamente, devendo ser amarrado, aos conteúdos da Geografia, de forma clara e objetiva para mostrar aos alunos que não existe o conteúdo da Geografia e sim a Geografia dos conteúdos. Sendo preciso preparar os nossos olhos para aprendermos a ler geograficamente.

O rap ajudou muito nesse processo, pois, através de alguns trechos de letras, selecionadas, consegui aliar a teoria com a prática ao pedir para que os alunos refletissem sobre os conteúdos das mesmas, relacionando-os com os conceitos e conteúdos da Geografia, trabalhados em sala, por meio de redações dissertativas e de questões, cujos resultados me surpreenderam e me fizeram aprender muito com eles.

Diante dos objetivos propósitos, com base na fundamentação teórica e na proposta metodológica desenvolvida acredito ser este trabalho um caminho para se ensinar a Geografia em escolas localizadas em lugares onde o rap vigora como uma identidade cultural e exerce uma grande influência.

Bibliografia:

- CARLOS, A. F. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CAVALCANTI, I. S. **Ensino de Geografia e diversidade**: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, S. (org). *Educação Geográfica: teoria e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 66 – 78.
- FERNANDES, M. **Aula de geografia** – São Paulo: Bagagem, 2ª ed. 2008
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 48ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- GUIMARÃES, M. **Rap: transpondo as fronteiras da periferia**. In: ANDRADE, E. (org). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo. Summus, 1999, pp. 39 - 54.
- MACEDO, L. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994
- MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** : por uma epistemologia crítica, 1. ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008.
- MOURA, R.,ULTRAMARI, C. **O que é periferia urbana**: São Paulo: Brasiliense, 1996.
- NÉRICI, I. **Didática geral dinâmica**; 9ª ed. - São Paulo : Atlas, 1983.
- PARO, V.H. **Escritos sobre educação** .São Paulo: Xamã Editora ,2001
- RESENDE, M. M. **O saber do aluno e o ensino de geografia**. In: VESENTINI (org.). *Geografia e Ensino: textos críticos*. Campinas–SP: papyrus, 1989, pp.83 - 115.
- ROCHA, C. **Hip hop** .São Paulo: Abril, 2005.
- SANTOS, Sandra. **Alunos, estes desconhecidos**. In: ANDRADE, E. (org). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo. Summus, 1999, pp. 113-124
- SCARPATO, Marta. **Procedimentos de ensino**: um ato de escolha na busca de uma aprendizagem. In: SCARPATO, M. (org). *Os procedimentos de um ensino fazem a aula acontecer*. São Paulo: AVERCAMP, 2004, pp. 17-24
- SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico** – 23. ed. rev. e atualizada – São Paulo : Cortez, 2007.

SOUZA, Marcelo. **O território: sobre o espaço e o poder, autonomia e desenvolvimento.** In: CASTRO, I., GOMES, P. e CORRÊA, R. (org). *Geografia: conceitos e temas.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, pp. 77-116

TELLA, Marco. **Rap, memória e identidade.** In: ANDRADE, E. (org). *Rap e educação, rap é educação.* São Paulo: Summus, 1999, pp. 55-63

CDs:

A Família (2004). *Cantando com a alma.* Gravadora Discovery. São Paulo

Racionais MC's (2002). *Nada como um dia pós o outro dia.* Gravadora Coisa Nostra, São Paulo.

Racionais MC's (1997). *Sobrevivendo no Inferno.* Gravadora Coisa Nostra, São Paulo.

Racionais MC's (1993). *Raio X do Brasil.* Gravadora Zimbabwe, São Paulo.

ANEXO I:

Questionário sobre a estrutura interna da Terra.

- 1) “Se a Terra fosse uma maçã a crosta terrestre seria a sua casca”. Na sua opinião o que isso quer dizer? Explique.
- 2) Segundo o rap do professor Everton, a Terra é uma panela de pressão. Você concorda com isso? Por quê?
- 3) Por que nós moramos na superfície terrestre e não em seu interior? O que existe dentro dela?
- 4) Por que os minerais, no interior da Terra, não param de rotacionar (movimento de convecção) como se estivessem “dançando hip hop”? Explique.
- 5) Se a Terra é uma panela de pressão, com altas temperaturas e pressões em seu interior, a crosta terrestre é compacta (fechada) ou cheia de falhas (“rachaduras”)? Por quê?
- 6) Qual a função dos vulcões e das falhas tectônicas nessa imensa “panela de pressão”?
- 7) O interior da Terra é composto por uma série de minerais (magma), que estão em constante movimento, tentando sair pelas falhas e pelos vulcões para chegarem à superfície, onde serão solidificados, dando origem a diferentes tipos de rochas. Com base nessas afirmações, o que são rochas?
- 8) O movimento interno da Terra influencia nos movimentos das placas tectônicas. O que acontece quando elas se chocam? O que irá se formar nessas áreas de contato nos continentes e nos oceanos?
- 9) O que é e quais são as causas do tsunami? Explique.
- 10) Por que no Brasil não ocorrem terremotos de grande intensidade, não existem dobramentos modernos (grandes cadeias montanhosas) e nem vulcões ativos? Explique.

ANEXO II:

Questionário sobre a contextualização da história da Branca de Neve e os anões:

- 1) Segundo o Profº Everton, os anões viviam numa floresta. Que floresta era essa? Por quê?
- 2) Como eles e a Branca de Neve viviam nessa floresta? Como iam trabalhar? Explique.
- 3) Quem morava na Mata Atlântica antes da chegada dos portugueses no Brasil? A história deles pode ser comparada com a estória dos anões? Por quê?
- 4) O que aconteceu com a Mata Atlântica? No que ela foi transformada?
- 5) Se os anões vivessem nos dias de hoje, onde eles morariam (no centro ou na periferia da cidade) e como eles iriam trabalhar (a pé ou de ônibus)? Quanto tempo demorariam? Explique.
- 6) Se os anões do passado, que viveram na mata Atlântica, eram os índios. Quem são os anões (em importância) do presente, que moram nas periferias distantes dos centros das cidades? Por quê?